

DOSSIÊ SYLVIA PANKHURST

Apresentação: Maria Teresa Mhereb [1]

Seleção dos textos, tradução e notas: Helena Barbosa [2] e Maria Teresa Mhereb

Resumo

O presente dossiê traz três artigos de Sylvia Pankhurst traduzidos do inglês para o português brasileiro, cobrindo um período de dez anos de sua intensa atuação política e intelectual: “Nosso jornal: O Encouraçado das Mulheres” (1914), “Liberdade de discussão” (1921) e “Capitalismo ou comunismo para a Rússia?” (1924). Dos dois primeiros, foram traduzidos trechos, enquanto o último está na íntegra. Duas de suas telas, em que retrata a vida de mulheres trabalhadoras, também o compõem.

Palavras-chave: Sylvia Pankhurst; tradução política; feminismos; luta de classes; sufragistas britânicas.

Apresentação

Tradução é palavra polissêmica. Ao ato, processo ou produto subjaz o ser humano.

Tradução-ato-processo-produto é irremediavelmente política. Na escolha dos textos: por que estes e não aqueles? por que destas pessoas e não daquelas? Nas estratégias linguísticas: o que estas dizem e as outras não? Nas formas de circulação: por que aqui, assim e para estas e estes?

A cada *sim* subjazem muitos *nãos*.

Nossa perspectiva ao compor e traduzir este dossiê que reúne textos de Sylvia Pankhurst é a da tradução-apropriação a serviço das lutas das mulheres das classes trabalhadoras contra o patriarcado e o capitalismo neoliberal, em nome da igualdade social, política e econômica de todos os seres humanos, da autogestão da produção, da socialização das atividades que garantem a reprodução da vida e do autogoverno. São diversas as experiências de mulheres, no tempo e no espaço, cujos

1 Maria Teresa Mhereb é tradutora, graduada em Ciências Sociais pela Unesp e em Letras pela USP, onde é atualmente mestrandia em Estudos da Tradução. Sua pesquisa, centrada na divisão sexual do trabalho na tradução, conjuga a Sociologia, os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero. Como tradutora, dedica-se especialmente a temas ligados à política, sociologia e meio ambiente. teresamhereb@gmail.com

2 Helena Barbosa é tradutora e advogada indigenista. Mestre em Estudos da Tradução pela USP, bacharela em Letras-Tradução pela UnB e bacharela em Direito pelo UniCEUB. Atualmente, desenvolve pesquisas sobre tradução feminista, bem como sobre a história da tradução e da interpretação no Brasil, como foco especialmente em tradutoras e intérpretes indígenas e em tradução de artes verbais ameríndias. helenasilveirab@gmail.com

resultados são compatíveis com a abolição da propriedade privada e da exploração. É para o horizonte dessas possibilidades que dirigimos este nosso esforço.

Entendemos que são mulheres todas as pessoas que se *sentem mulheres*, para além de qualquer determinação biológica ou imposição de qualquer ordem. Empregamos aqui o termo mulheres como categoria política que traz consigo todas as pessoas que, qualquer que seja sua identidade particular, foram marcadas pelo *não*: não homens, não brancas, não cisgênero, não heterossexuais, não binárias, não pacifistas com as classes dominantes.

A cada *não* subjazem muitos *sins*!

É nesse sentido que empregamos a designação sempre plural “a”.

Sylvia Pankhurst (1882-1960) é uma mulher inglesa, branca e de classe média. Ao trazê-la para o sul, corremos o risco de colocá-la na posição da autoridade professoral. Nada contra ensinar a aprender, sem o que não somos nada. Latino-americanas, alunas desobedientes, trazemos Sylvia Pankhurst para devorá-la. Mulher rebelde e sempre ativa, ela foi tão multifacetada quanto a realidade em que existimos.



Sylvia Pankhurst discursando em público (s/d).

Não é raro que mulheres engajadas na militância política, especialmente feminista, sejam desqualificadas como loucas, lunáticas desequilibradas, como mostraram Ann Morley e Liz Stanley [3] em seu livro sobre a (também) militante sufragista Emily Davison. Sylvia Pankhurst não foi seguramente uma mulher palatável. Indigesta para estômagos mais sensíveis, o múltiplo depõe a seu favor: sufragista, conselheira, libertária, comunista, fundadora e editora de quatro jornais, escritora, poeta, artista plástica, líder política – a lista de adjetivos (às vezes em choque uns com os outros) usados para descrevê-la não tem fim. Não muito menos conhecida no Brasil do que em seu país de origem, onde suas contribuições para a luta das sufra-

3 Ann Morley e Liz Stanley, *The Life and Death of Emily Wilding Davison. A Biographical Detective Story*.

gistas e do feminismo socialista são frequentemente relegadas ao sem importância, Sylvia Pankhurst é polêmica em vida-obra. Unidade do diverso, é inclassificável sem reducionismos.

Filha de Emmeline Pankhurst, conhecida fundadora, em 1903, da União Social e Política das Mulheres (Women's Social and Political Union – WSPU), Sylvia foi expulsa do movimento sufragista por sua irmã, Christabel Pankhurst. Depois de fundar a Federação das Sufragistas de East London (East London Suffragettes Federation – ELSF), grupo feminista-socialista semi-independente dentro da WSPU, e de criticar a organização por se afastar das mulheres da classe trabalhadora, Christabel considerou que a luta de sua irmã era diferente da dela.

Em 1916, a ELSF foi renomeada Federação das Trabalhadoras Sufragistas (Worker's Suffrage Federation – WSF). No ano seguinte, em julho, *O Encouraçado das Mulheres* (*The Woman's Dreadnought*), jornal que ela fundara em 1914 para atuar em defesa do sufrágio das mulheres junto à Federação, foi também renomeado, passando a se chamar *O Encouraçado das Trabalhadoras* (*The Worker's Dreadnought*). Em 1918, a WSF é renomeada mais uma vez, agora como Federação das Trabalhadoras Socialistas (Workers' Socialist Federation). Esse processo, que decorre num intervalo de apenas dois anos, sinaliza sua trajetória em direção às ideias comunistas e a consolidação de sua compreensão a respeito do entrelaçamento das lutas das mulheres com a luta de classes. Sylvia Pankhurst pode ser considerada, nesse sentido, uma das precursoras do que hoje denominamos “intersecção das lutas”.

Também em 1918, Sylvia Pankhurst filia-se ao Partido Comunista, do qual é expulsa em 1921, após, entre outras querelas, recusar-se a submeter *O Encouraçado das Trabalhadoras* ao controle – e aprovação – do Partido. Irredutível, foi considerada por Lênin como expressiva representante do esquerdismo inglês [4]. Afastada, continuou reivindicando a liberdade e a independência para expressar suas ideias, criticando a centralização do poder na União Soviética por burocratas dirigentes e exaltando o papel dos conselhos de trabalhadoras e trabalhadores na construção do comunismo. No mesmo jornal, seguiu publicando artigos de antigas companheiras e companheiros de partido, como Alexandra Kolontai.

Defensora da liberdade sexual e crítica fervorosa da instituição do casamento, Sylvia Pankhurst recusou-se a casar com seu então companheiro, o anarquista italiano Silvio Corio, mesmo quando engravidou dele, em 1927, aos 45 anos de idade [5]. Nos anos 1930, engajou-se nas lutas antifascistas e anticolonialistas. Apoiou a Revolução Espanhola, colaborou com trabalhadoras e trabalhadores judeus que fugiam do regime nazista e, militando contra a ocupação fascista na Etiópia, colaborou

4 Cf. Vladimir Lênin, *Esquerdismo: doença infantil do comunismo*

5 Seu filho, Richard Pankhurst, nasceu em 3 de dezembro de 1917. Foi professor da Universidade de Addis Abeba (Etiópia) e fundador do Instituto de Estudos Etíopes. De orientação socialista, foi defensor, durante toda a sua vida, dos direitos das mulheres. Richard Pankhurst faleceu em 16 de fevereiro de 2017.

com o imperador Haile Selassie, fato que confirmou, como aponta Kathryn Dodd, a opinião já corrente à época sobre suas “excêntricas tendências”[6].

Sua obra é vasta e variada: artigos jornalísticos, ensaios, relatos, narrativas históricas, autobiografia, poemas, textos ficcionais, telas em aquarela... Entre seus livros publicados (ainda não traduzidos para o português brasileiro) estão *Save the Mothers* [*Salvem as mães*] (1930), em que defende reformas do sistema de cuidados relativos à maternidade, *The Suffrage Movement* [*O Movimento Sufragista*] (1931), em que narra, de seu ponto de vista, a história do movimento sufragista, e *The Home Front* [*O Fronte em Casa*] (1932), sobre suas experiências durante a Primeira Guerra em East End.

Ao compor este dossiê e escrever esta introdução, não quisemos, para lembrar novamente Kathryn Dodd, apresentar sua obra como “um repositório não problemático de seu pensamento”[7]. Isso significaria imobilizá-la, resolvendo-a *a posteriori*. Ao contrário, procuramos trazer uma mulher que se constituiu no movimento incansável pela independência e autonomia em todas as instâncias de sua vida. Como busca, Sylvia Pankhurst certamente não esteve isenta de contradições.

Neste pequeno dossiê, trazemos três artigos que cobrem um período de dez anos: de 1914, ano de eclosão da Primeira Grande Guerra e também de fundação do jornal *O Encouraçado das Mulheres*, até 1924, ano da morte de Lênin (em 21 de janeiro) e ascensão de Stalin ao poder.

O primeiro texto, “Nosso jornal: O Encouraçado das Mulheres”, foi publicado em 1914, quando Sylvia Pankhurst ainda era membra da WSPU. Nele, ela apresenta as diretrizes políticas do jornal: “tratar da questão do direito ao voto do ponto de vista das mulheres trabalhadoras”. Tanto desse texto quanto do que o segue, traduzimos apenas trechos que selecionamos. Em “Liberdade de discussão”, publicado em 1921 no jornal *O Encouraçado das Trabalhadoras*, a autora narra a controvérsia que levou à sua expulsão do Partido Comunista da Grã-Bretanha, que havia ajudado a fundar em 1920, e defende a independência das e dos comunistas para expressar suas ideias, quaisquer que elas sejam. No terceiro e último artigo, “Capitalismo ou comunismo para a Rússia?” (na íntegra), que saiu no mesmo jornal, em maio de 1924, quando Stalin já liderava a União Soviética, Sylvia Pankhurst salienta a importância da oposição de esquerda na construção do comunismo, criticando a Nova Po-

6 Kathryn Dood, “Introduction” em *A Sylvia Pankhurst Reader*, p. 3.

7 Kathryn Dood, *Idem*. p. 5.

lítica Econômica (NEP)[8], que havia sido implementada em 1921, e a centralização das decisões políticas pelo Partido Comunista.

Embora uma tradução deste último artigo, feita pelo grupo Resistência Autonomista, já tenha sido publicada no Brasil [9] por ocasião do centenário da Revolução Russa, em 2017, optamos por retraduzi-lo, como uma oportunidade de operar alguns ajustes que julgamos importantes. Ao traduzir *left wing*, por exemplo, optamos pela expressão “oposição de esquerda”, e não simplesmente “organização (ou ala) de esquerda”, para marcar claramente a situação da própria Sylvia Pankhurst no interior do comunismo. Além disso, à diferença da tradução feita pela Resistência Autonomista, encaramos a não marcação de gênero no inglês (que ocorre para adjetivos e substantivos) de um ponto de vista feminista, que, além de ser o nosso, julgamos evidentemente mais adequado para o pensamento-prática da autora: ao lidar, por exemplo, com o termo *workers*, optamos pela tradução “trabalhadoras e trabalhadores”. (Via de regra, ao traduzir substantivos, inserimos o feminino em primeiro lugar; o masculino só aparece antes do feminino nos casos em que entendemos que as críticas da autora se dirigiam especialmente aos homens).

Workers é categoria central no pensamento-prática de Sylvia Pankhurst. Traduzimos *Workers’ Socialist Federation* e *Worker’s Suffrage Federation* como, respectivamente, Federação das Trabalhadoras Socialistas e Federação das Trabalhadoras Sufragistas. No mesmo espírito, traduzimos *Workers’ Dreadnought* como *Encouraçado das Trabalhadoras*. Em nenhum dos casos, *workers* se referia exclusivamente a mulheres, mas incluía também homens. Ao invés de empregar o masculino supostamente universal e neutro para englobar os gêneros, optamos fazê-lo pela designação feminina, que, para nós, tem conotação política, plural e aberta.

Quando começou a escrever, em 1907, Sylvia Pankhurst havia recém terminado seus estudos em artes plásticas no Royal College of Art. Naquele ano, eleita a melhor aluna da turma, ganhou uma viagem para Veneza e Florença, da qual resultaram aquarelas em que retrata mulheres trabalhadoras. Duas dessas telas podem ser vistas aqui: *Em uma olaria: acertando as bordas de pratos ainda crus em um torno* e *Em uma fábrica de fiação em Glasgow: trocando o carretel*. Ambas as telas compõem, desde 2018, o acervo da Tate Gallery, em Londres.

Decifremo-na devorando-a.

8 Sucedendo o chamado “comunismo de guerra”, a NEP abria a economia soviética para algumas práticas capitalistas, visando a aquecê-la. Bastante controversa, foi criticada por inúmeros militantes e intelectuais de esquerda, filiados ou não aos diversos Partidos Comunistas.

9 A tradução foi publicada no site Passa Palavra e está disponível no link: <<https://teste.passapalavra.info/2017/09/115059/>>.



Em uma olaria: acertando as bordas de pratos ainda crus em um torno, 1907.



Em uma fábrica de fiação em Glasgow: trocando o carretel, 1907.

Referências:

DODD, Kathryn. *A Sylvia Pankhurst Reader*. Manchester/Nova York: Manchester University Press, 1993.

LÊNIN, Vladimir. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Global, 1981.

MORLEY, Ann; STANLEY, Liz. *The Life and Death of Emily Wilding Davison. A Biographical Detective Story*. Londres: Women's Press, 1988.

PANKHURST, Sylvia. *Capitalismo ou comunismo para a Rússia?*. Tradução de: Resistência Autonomista. Passa Palavra, 2017. Disponível em <<https://passapalavra.info/2017/09/115059/>>. Acesso em 8 out. 2020.

Nosso jornal: *O Encouraçado das Mulheres*

[Publicado no *Encouraçado das Mulheres*, em 8 de março de 1914.

Primeira edição publicada pela Federação das Sufragistas de East London]

O nome do nosso jornal, *O Encouraçado das Mulheres*, simboliza o fato de que nada devem temer as mulheres que lutam pela liberdade. Propõe também uma política de assistência e reconstrução social, que se refere à política do despertar da feminilidade em todo o mundo, em oposição à cruel e desorganizada luta pela sobrevivência, entre indivíduos e nações, pela qual tanto sofreu a humanidade no passado.

Este primeiro número antecipado do nosso jornal deve ser vendido por um centavo, mas quando *O Encouraçado das Mulheres* começar a ser publicado regularmente como um jornal semanal, a partir de 4 de abril, sábado, 20 mil exemplares serão impressos e distribuídos gratuitamente todas as semanas, em East London e onde mais for possível. As despesas com publicação serão cobertas pelos preços cobrados pelos anúncios exibidos em nossas colunas; é por meio de anúncios que todo jornal paga suas despesas.

O Encouraçado das Mulheres é uma publicação da Federação das Sufragistas de East London, uma organização composta principalmente por mulheres trabalhadoras. Seu principal dever será tratar da questão do direito ao voto do ponto de vista da mulher trabalhadora e relatar as atividades relacionadas ao voto para o movimento de mulheres em East London. No entanto, o jornal não deixará de analisar de forma crítica todo o campo do movimento de emancipação das mulheres.

[...]

No início de 1914, a Federação de East London [10], ligada à União Social e Política das Mulheres, mudou seu nome para Federação das Sufragistas de East London. Fizemos essa mudança por exigência de outras pessoas [11]. No entanto, nossa política continua sendo a mesma. Ainda somos uma organização militante não partidária de mulheres trabalhadoras.

Algumas pessoas nos dizem que não é importante que as mulheres trabalhadoras lutem pelo direito ao voto nem que tenham e usufruam de tal direito. Esquecem-se de que as mulheres que estão em uma posição socialmente confortável representam apenas um pequeno grupo frente à multidão formada por mulheres trabalhadoras.

10 Fundada em 1893 por Emmeline e Richard Pankhurst, mãe e pai de Sylvia Pankhurst (Nota das Tradutoras).

11 Sylvia Pankhurst refere-se aqui à sua expulsão da União Social e Política das Mulheres, ocorrida exatamente em 1914 e que levou à exigência de renomear a organização (NT).

Algumas pessoas dizem que a vida das mulheres trabalhadoras é muito difícil e sua educação, muito precária para que se tornem uma força poderosa na conquista do voto, ainda que sejam muitas. Tais pessoas se esqueceram da história dessas mulheres. Afinal, que tipo de mulheres eram aquelas que marcharam rumo à Versalhes?

As sufragistas que afirmam ser dever das mulheres mais ricas e afortunadas mobilizarem-se pelo direito ao voto e que suas irmãs mais pobres não precisam se sentir convocadas a participar da luta parecem, ao usar tais argumentos, esquecer-se de que é pelo voto que estamos lutando. O princípio fundamental do voto reside no fato de que cada pessoa deve ter uma parcela de poder para ajudar a si mesma e a todas. Este princípio se opõe frontalmente à ideia de que algumas poucas pessoas mais favorecidas têm o dever de ajudar e ensinar outras, tratando-as de forma paternalista, como se fossem superiores a elas. É certamente porque nós, sufragistas, acreditamos no princípio de que todo indivíduo e toda classe de indivíduos têm o direito a uma parcela tanto do ato de governar quanto de servir, e também porque aprendemos, após longa e amarga experiência, que, à exceção do autogoverno, toda forma de governo é tirania – por mais benévola que seja sua intenção – que lutamos pelo voto e não pela reparação de algumas das muitas injustiças pelas quais as mulheres sofrem.

É necessário que as mulheres lutem pelo voto, pois, por meio dele, se nos juntarmos em número suficiente para usá-lo para determinados fins, poderemos alcançar reformas a favor dos nossos próprios interesses, deixando claro aos governos que eles devem nos dar o que queremos ou abrir caminho para quem que o fará. Mulheres trabalhadoras – mulheres exploradas, escravas assalariadas, mães sobrecarregadas labutando em pequenas casas – são, de todas as criaturas, as que mais precisam ter o poder de ajudar a si mesmas.

Uma das principais razões pelas quais é essencial que as mulheres trabalhadoras se levantem como um só corpo e lutem arduamente pelo voto é que, quando a questão do direito ao voto for finalmente objeto de um real acordo, os antissufragistas no Parlamento se esforçarão ao máximo para reduzir o número de eleitoras mulheres. Quaisquer restrições que eles tentem impor serão colocadas de forma mais dura, muito provavelmente, contra as mulheres mais pobres, e a única coisa que pode salvaguardar a posição dessas mulheres é um grande e efetivo levante pelo direito ao voto das mulheres trabalhadoras.

Os antigos reformadores *trabalharam* para expandir os limites da liberdade humana, porque acreditavam que o princípio era correto. Seguindo-o, *sofreram e lutaram com extrema coragem*, impulsionados pelo fato de que eles ou seus semelhantes estavam sofrendo e passando necessidade. Assim é hoje com aquelas e aqueles que anseiam pelo direito ao voto.

Temos uma tarefa extraordinária diante de nós. Estamos apenas lutando com a mesma coragem de homens que lutam contra o governo, enquanto os homens-massa apenas observam seu sofrimento e luta. Somente quando suportarmos infinitamente mais do que os homens e lutarmos de forma infinitamente mais enérgica, eles se importarão o bastante ou entenderão o suficiente para ajudar as mulheres a serem politicamente livres. Por isso, devemos continuar lutando e tentando sempre enxergar a grandiosidade do nosso objetivo.

“Liberdade de discussão”

[Publicado no *Encouraçado das Trabalhadoras*, em 17 de setembro de 1921]

Os movimentos, assim como os seres humanos, crescem e se desenvolvem em estágios, passando por muitas manias e doenças [12]. O Partido Comunista da Grã-Bretanha vive atualmente uma espécie de sarampo político denominado disciplina, que o faz temer a liberdade de expressão e de circulação de opiniões dentro do Partido.

Desde sua formação, o Partido Comunista da Grã-Bretanha [13] tem se preocupado com a existência do *Encouraçado das Trabalhadoras*, uma voz comunista independente, livre para expressar seu pensamento sem ser limitada pela disciplina do Partido.

Na conferência inaugural do Partido, conforme fui informada pelo Comitê Executivo, foi, inclusive, debatido se as membras e membros do Partido estavam autorizadas/os a ler o *Encouraçado*, uma vez que ele não é controlado por esse Comitê. A posição dos jornais *O Trabalhador Escocês (The Scottish Worker)*, *Solidariedade (Solidarity)*, *A Plebe (The Plebs)*, *O Socialista (The Socialist)* e *O Impulso (The Spur)* também foi discutida. [...] A carta emitida pelo Comitê Executivo aos diretórios do Partido recomendou a circulação dos jornais *A Plebe*, *Solidariedade* e *O Trabalhador Escocês*, mas deixou em suspenso a questão da circulação do *Encouraçado*. Muitos diretórios entenderam que isso significava que o *Encouraçado* não deveria circular, e alguns dos organizadores do Partido realizaram uma campanha contra o jornal nesse sentido, de modo que não aceitá-lo tornou-se uma questão de lealdade ao Partido.

Logo após minha libertação, depois de seis meses de prisão, conheci um sub-

12 Sylvia Pankhurst parece fazer aqui uma referência irônica ao panfleto de Lênin intitulado *Esquerdismo: doença infantil do comunismo*, de 1920, cuja tradução para o inglês consolidou-se como “*Left wing*” *communism: an infantile disorder*. Nele, Lênin a menciona como representante do esquerdismo na Inglaterra (NT).

13 Fundado em 1920 pela fusão de diversos pequenos partidos do espectro da esquerda, entre os quais o Partido Socialista e o Partido Trabalhista. Sua formação se deu após a decisão da III Internacional de estabelecer partidos comunistas ao redor do mundo. O Partido Comunista da Grã-Bretanha foi extinto em 1991 (NT).

comitê do Executivo do Partido Comunista, composto pelos camaradas W. Paul, F. Peat, F. Willis e T. Clark. Esse subcomitê me colocou a questão da seguinte forma: “como uma membra disciplinada do Partido”, eu deveria entregar o *Encouraçado das Trabalhadoras* nas mãos do Executivo, o qual decidiria se daria fim ou continuaria com o jornal; caso a decisão fosse no sentido de continuar com o jornal, ele serviria a quaisquer usos e políticas à sua escolha e seria colocado sob a direção editorial de uma pessoa de sua preferência. Eu não seria consultada ou mesmo informada até que a decisão fosse tomada. Assim, com uma pitada de brutalidade, os disciplinadores impuseram seus termos àquela que, por oito anos, manteve um jornal pioneiro em constante luta e sob intensa perseguição.

Respondi que não poderia concordar com tal proposição, mas que consideraria com cuidado e espírito de camaradagem qualquer proposta que o Partido me fizesse com relação ao jornal. Disse que acreditava na utilidade de um jornal comunista independente que incentivasse a discussão dentro do movimento, na teoria e na prática. Recém-saída da prisão e com o Partido tendo sido formado enquanto eu estava presa, eu estava ansiosa para olhar ao meu redor e ouvir todos os pontos de vista. Convidei o subcomitê a apresentar-me quaisquer sugestões que tivesse a fazer. Seus membros, entretanto, não responderam com o mesmo espírito; eles simplesmente repetiram sua exigência anterior de uma renúncia total e velada do jornal.

[...]

Afirmar aos camaradas que, se estivéssemos perante barricadas, se estivéssemos passando pelas angústias da revolução ou algo perto disso, eu poderia aprovar uma rigidez disciplinar; no entanto, aqui e agora, isso não tem qualquer cabimento.

Eu disse a eles que, considerando que estamos cara a cara com um Partido Trabalhista oportunista e reformista, e que vivendo em meio ao capitalismo existe sempre a tendência e a tentação de se fazer acordos com a ordem dominante, é essencial que o Partido Comunista seja categórico quanto à exclusão de tendências de direita. Um Partido Comunista só pode preservar seu caráter comunista usando a disciplina para evitar que o oportunismo e a lassidão de direita entrem no Partido. Deve insistir que a aceitação dos princípios comunistas e a rejeição do reformismo sejam condições para uma pessoa tornar-se membra; isso é óbvio. Por outro lado, não pode se dar ao direito de sufocar a discussão dentro do Partido; acima de tudo, não deve sufocar a discussão de ideias de esquerda. Do contrário, ele se enrijecerá e se entorpecerá, destruindo sua própria possibilidade de avanço

Afirmar que, na minha opinião, toda/o e qualquer membra/o do Partido deveria ser autorizada/o a escrever e publicar suas opiniões e que, somente nos casos em que essas opiniões se provarem não comunistas, deve-se questionar a aptidão desta pessoa para pertencer ao Partido.

Eu disse ao Comitê Executivo, e ainda é uma opinião que mantenho com convicção, que, no movimento comunista deste país, ainda fraco, jovem e pouco evoluído, a discussão é uma necessidade primordial, e sufocá-la é algo desastroso. Portanto, quando me perguntaram se obedeceria à disciplina imposta por aquele Comitê, fui obrigada a dizer que era impossível dar uma resposta generalizada a tal pergunta, caso a disciplina pudesse ser imposta de forma forçada para impedir a expressão de opinião, e que eu só poderia decidir se deveria obedecer frente a um caso concreto.

[...]

Quando a Federação das Trabalhadoras Sufragistas – da qual o *Encouraçado das Trabalhadoras* era órgão – fundiu-se ao Partido Comunista [14], ficou decidido que eu deveria permanecer como responsável pelo jornal, e o Partido, durante a Conferência de Cardiff, aprovou uma resolução afirmando que assim seria. Quando o atual Partido Comunista da Grã-Bretanha foi formado, fui incisiva em afirmar que o *Encouraçado das Trabalhadoras* permaneceria fora do Partido e que daria um apoio de natureza independente. Não há dúvida de que eu tenha subvertido um órgão partidário ou desejado mantê-lo fora do controle do Partido.

A situação é a seguinte: o *Encouraçado* é um órgão independente, mas o Comitê Executivo do Partido Comunista da Grã-Bretanha decidiu que não me permitirá, como membra, publicar um jornal independente.

Não lamento minha expulsão. No entanto, o fato de isso ter ocorrido mostra a condição débil e sofrível do Partido: prioriza questões menores em detrimento de outras de maior importância. Está desnorteado.

Desejo liberdade para trabalhar pelo comunismo com o que há de melhor em mim. O Partido não poderia me acorrentar: eu que, como provam os jornais publicados tanto neste país como no exterior, estive entre as primeiras a apoiar a atual Revolução Comunista e a trabalhar para a Terceira Internacional, darei continuidade aos meus esforços como antes.

14 Nessa fusão, que ocorreu em 1918, a Federação das Trabalhadoras Sufragistas é renomeada Federação das Trabalhadoras Socialistas. (NT).

Capitalismo ou comunismo para a Rússia?

[Publicado no Encouraçado das Trabalhadoras, em 31 de maio de 1924]

O apelo do Grupo Operário da Rússia [15], que publicamos em nossa primeira página, revela a luta que ainda continua por lá entre os ideais opostos do capitalismo e do comunismo. O capitalismo ainda está em ascensão. Na Rússia, o discurso de seus protagonistas já não é sobre louvar a iniciativa privada e o direito de cada pessoa de fazer o que quiser com seus bens. Eles posam agora como os profetas da eficiência centralizada, da trustificação, do controle do Estado e da disciplina do proletariado em nome do aumento da produção.

Os defensores comunistas da Nova Política Econômica (NEP) explicam seu lapso de princípio alegando que a Rússia deve se desenvolver dentro do capitalismo antes de estar preparada para o comunismo. Eles esperam manter sob controle os dentes e as garras do capitalismo.

Os articuladores não comunistas da NEP estão trabalhando com o cenário que o hábito lhes fez parecer o único estado de coisas natural e possível. Eles estão crescendo em poder e número, e aderirão apaixonadamente às suas próprias aquisições pós-revolucionárias. Para a classe dominante, é sempre mais fácil manter as coisas como estão e seguir aplicando velhos métodos do que forjar novos.

O resultado é que as trabalhadoras e os trabalhadores russos continuam sendo escravos assalariados, e muito pobres, trabalhando não por vontade própria, mas sob a compulsão da necessidade econômica, e mantidos em sua posição subordinada por uma coerção do Estado que é mais pronunciada do que nos países onde as trabalhadoras e os trabalhadores não mostraram recentemente sua real capacidade de rebelião.

Entretanto, apesar da NEP e dos defensores da capitalização e do monopólio estatal, o desejo de um comunismo livre e completo não está morto na Rússia, como é evidenciado pela existência do Grupo Operário e de outras organizações de oposição de esquerda.

As organizações de oposição de esquerda, consciente e, sem dúvida, também inconscientemente até certo ponto, são forças que trabalham para a desintegração do capitalismo e de todos os seus métodos. Elas estão trabalhando para a criação de um novo sistema no qual, ao invés de a sociedade ser mantida sob o controle de uma direção centralizada que impõe seus ditames pela compulsão econômica e

15 O Grupo Operário do Partido Comunista Russo foi formado em 1923 como organização política de resistência à Nova Política Econômica (NEP) e crítica à excessiva concentração de poder por parte dos burocratas e dirigentes do Partido Comunista Russo, defendendo a democracia operária. Seu membro mais conhecido foi Gavriil Ilich Miasnikov (1889-1945). No mesmo ano de sua formação, o grupo é fortemente reprimido, passando a atuar na clandestinidade (NT).

amparada pela força militar, as necessidades sociais serão atendidas por unidades autogestionadas, cooperando mutuamente para fins comuns.

Aqueles e aquelas que, professando a fé comunista, ainda não reconhecem esse papel que as organizações de oposição de esquerda estão destinadas a desempenhar no processo evolutivo tendem a considerar com pesar a existência desse movimento. Na Rússia, tais observadores e observadoras levianos se queixam de que as atividades das organizações de esquerda irão despertar o descontentamento com as condições atuais e, dessa forma, talvez impedir o crescimento da produção e causar uma série de problemas ao perturbar a aceitação disciplinada das autoridades dirigentes pelos trabalhadores.

Da mesma forma, as educadoras e os educadores que têm procurado despertar a autonomia de suas alunas e alunos e instituir a autogestão e a auto-organização do currículo nas escolas encontraram objeções de que a ordem teria sido substituída pelo caos e o índice de conhecimentos adquiridos pelas alunas e alunos, drasticamente reduzido.

As pioneiras e os pioneiros da educação revolucionária têm perseverado, apesar do desencorajamento, e sabido criar escolas nas quais as alunas e os alunos são capazes de manter uma ordem mais fecunda e harmoniosa do que aquela que as antigas escolas impunham de cima pra baixo. Elas e eles foram capazes de demonstrar, por meio de resultados, que o conhecimento que estimularam suas alunas e alunos a adquirirem se torna algo permanente e parte de quem são.

O mesmo ocorrerá com os ideais daquelas e daqueles que trabalham para que o ser humano alcance a emancipação total da sujeição econômica e do autoritarismo que a acompanha.

Comunistas fora da Rússia contestam a crítica dos fatos dirigida contra a Rússia Soviética por suas companheiras e companheiros comunistas. Desejam que tudo lá pareça perfeito. Imaginam que é uma péssima propaganda admitir francamente as falhas e deficiências na terra da revolução, assim como criticar os métodos e expedientes a que recorreram aqueles que estão no poder. Suas objeções são míopes, pois, afinal, o que desejamos reivindicar e alcançar é o comunismo e não a política ou posição de qualquer partido.

Se fingirmos que o atual regime na Rússia é o comunismo, que é de fato o tipo de vida pelo qual lutamos, aquelas e aqueles que observam suas deficiências nos dirão, naturalmente, que nosso ideal é bastante equivocado.